LUMINOSAS COINCIDÊNCIAS

PE. AZARIAS SOBREIRA

Nos derradeiros meses encontro-me, interinamente, à dianteira do Salão de História Eclesiástica, em boa hora instalado por Dom José Delgado, nosso Metropolita, numa das dependências do Paço Arquiepiscopal de Fortaleza.

Em meio a farta documentação, através da qual se nos patenteia abundante matéria esclarecedora da atividade da Igreja no Ceará, bem cedo me despertaram a atenção treze *cadernos de notas* manuscritas que nos legou Leonardo Mota, cujos finais anos de vida foram por êle consagrados à pesquisa e conseqüente elucidação de tudo que se relacione com o clero cearense, ou pôsto a serviço de Deus na Terra da Luz.

Tomando a seu cargo semelhante iniciativa e a ela reservando, com beneditina exclusividade, tôdas as horas livres de seu viver, sagrou-se extremoso e benemérito arauto da Boa Nova. E para se ter uma idéia do que representou de árduo o esfôrço despendido pelo referido intelectual, que já era escritor de nomeada e líder do nosso folclore provinciano, nada mais se faz mister do que ler a vultosa correspondência que ainda resta naquele arquivo, correspondência essa constante de respostas a êle dadas por sacerdotes e leigos de todo o Brasil e a quem o inculcado homem de letras se dirigira pedindo informações.

Para maior realce de um dos mais bem fadados talentos que possuímos e que há anos se escondeu, inapelàvelmente, no alto sertão, salientarei que o mais alentado e brilhante acervo de cartas alí existentes deve-se à pena do padre Antônio Feitosa, hoje monsenhor e pároco de Missão Velha.

Em vista do valor por mim atribuído aos ditos *cadernos* do Leota, nada mais tenho lido, no meu nôvo ofício, do que os mencionados

manuscritos. E não me arrependo da preferência. É que nessas páginas de caligrafia nem sempre legível e freqüentemente gravada com mão trêmula, o infatigável escafandrista dos nosos fastos religiosos exarou um mundo de apontamentos e transcreveu documentos de tamanha valia que subestimá-los seria êrro imperdoável.

Assim é que, entre outras impressões colhidas por mim, descobri uma coincidência que diríamos insignificante, mas que na realidade vale por preciosa achega no meu conhecido afã de interpretar, objetivamente, a mentalidade do padre Cícero, o Patriarca de Juàzeiro.

* * *

Conforme é do domínio dos estudiosos da história do Ceará, talvez sem intenções inconfessáveis, em revista de realce e também em livro de grande porte, ainda recentemente estêve em evidência uma tentativa de apontar o citado ministro de Deus como um varão de manifesta duplicidade de caráter, adotando por base o fato — dizia-se — de seu registro de batismo dá-lo como vindo à luz no dia 23 de março de 1844 e o dito patriarca haver sempre comemorado essa efeméride, não a 23 e sim a 24 do mencionado mês. Disto se fêz verdadeiro cavalo ne batalha, glosado que foi com ênfase e encarecimento fora do comum.

Haja vista ao seguinte trecho especialmente extraído do livro acima focalizado:

"Uma das preocupações dos primeiros biógrafos do padre Cícero foi apontar o dia 24 de março como data do seu nascimento, versão errônea que se generalizou até entre historiadores imparciais. Não se pode indicar a quem coube a responsabilidade dêsse pulo de 24 horas sôbre a data natalícia do sacerdote. Entretanto, pode-se afirmar que o salto, embora sem significação aparente, tivera um objetivo determinado, qual seja o de vincular o nascimento do padre Cícero ao dia 25 de março, que é o consagrado pela Igreja à Anunciação de Nossa Senhora. O próprio sacerdote, em carta enviada de Roma para sua mãe, datada de 24-3-1898, evoca a falsa prerrogativa: — "Hoje, que faço 54 anos e véspera da Anunciação da Mãe de Deus..."

"Admitindo-se que a idéia desta transposição tenha partido dêle, ajusta-se à vaidade doentia de que era portador, devendo-se juntá-la às lendas por êle mesmo criadas, como se verá no curso de sua história. Seja como fôr, 24 de março é uma das mistificações engendradas em Juàzeiro do Norte para endeusar o homem comum que foi o padre Cícero que, queiram ou não queiram, nasceu no dia 24 de março, conforme o documento anexo ao texto."

* * *

Assinaladas estas observações, convido o leitor a acompanhar-me no prosseguimento dêste artigo, garantindo-lhe que não perderá o

seu tempo. É que, num acaso porventura providencial, exatamente às fôlhas 13-14 do Caderno n.º 13, de Leonardo Mota, deparei os lançamentos de batizados relativos aos dois bispos que maior atuação tiveram no combate ao padre Cícero, lançamentos êsse onde fica patente a mesma sintomática alteração de datas de que se faz menção na biografia do Patriarca de Juàzeiro. É o que passamos a demonstrar.

O caso em questão diz respeito a Dom Joaquim José Vieira, 2.º Bispo do Ceará, e Dom Quintino Rodrigues, primeiro ocupante do sólio da Diocese do Crato.

Dom Joaquim era paulista. Depois de haver regido, por dilatados anos, o Bispado do Ceará, consecutivamente rejeitou o sólio episcopal de Pôrto Alegre e de São Paulo, ofertas assaz tentadoras mas sua única ambição era ficar consumindo tôdas as suas energias no pastoreio sem confôrto do povo cearense, a cuja sorte se afeiçoara com acentos de paternidade.

Pois êsse abnegado servo de Deus, que passou pela vida sem a mais pequenina nódoa no mundo das responsabilidades, sempre comemorou o seu natalício a 17 de janeiro, e não a 14, dia que seu assento de batizado registra como o de seu nascimento. Ei-lo de conformidade com os dizeres de Leonardo Mota:

— "Joaquim. Aos dezenove de março de mil oitocentos e trinta e seis, nesta Matriz (de Piratininga), batizei e pus os Santos Óleos a Joaquim, nascido aos 14 de janeiro, filho do ajudante Manuel José Vieira e Dona Maria Teolinda de Sousa. Padrinhos: José de Moura Campos e sua mulher Ana Cândida de Sousa, fregueses de Pirapora. O Vigário Francisco de Paula Medeiros."

Em nota adicional e de seu próprio punho, o Leota acrescenta, logo abaixo, a seguinte observação: — "O assento batismal de D. Joaquim está errado. Êle comemorou sempre o seu aniversário a 17 e não a 14 de janeiro. Ver, neste sentido, o meu artigo "O que faltava", publicado n'*O Nordeste* e incorporado a uma miscelânea."

* * *

À luz do mesmo *caderno*, à página 37, Dom Quinitno laborou em idêntico engano, pois não se contentou de festejar o seu natalício a 31 de outubro, não obstante seu batistério trazer a data de 30 do dito mês, mas também o elegeu para nesse mesmo dia 31 ser sagrado Bispo, no ano de 1915.

Vai logo a seguir o lançamento de seu batizado, à fôlha 117, do livro 20 dos batizados de Quixeramobim:

"Quintino, filho legítimo de Antônio Rodrigues da Silva e Maria Francisca Batista; nasceu a trinta de outubro de mil oitocentos e sessenta e três e foi solenemente batizado por mim, nesta Matriz de Quixeramobim, a vinte e cinco de novembro do mesmo ano. Foram padrinhos Cândido Moreira de Oliveira e sua mulher Maria Cândida

da Silva; do que, para constar, mandei fazer êste assento que assino. Cônego Antônio Pinto de Mendonça."

Linhas abaixo, na dita transcrição, Leonardo Mota diz textualmente: "Certidão assinada pelo vigário Salviano Pinto Brandão. Vi, eu mesmo, depois, o próprio assento batismal. Realmente, êste o diz nascido a 30-10-63. A matrícula no Seminário diz só: outubro de 63. Trinta e um, porém, sempre foi o dia em que êle comemorou seu aniversário e foi, até, a data que escolheu para sua sagração..."

Do que levamos dito, vemo-nos compelido a reler as conclusões que passamos a assinalar:

a) Embora conste, sem sombra de dúvida, que o futuro primeiro Bispo do Crato veio ao mundo no dia 30 de outubro de 1863, não só êle, mas igualmente sua familia e seus padres sempre consideraram verdadeira a data de 31 do mencionado mês. E nem por isto, no caso em foco, como no seu similar de Dom Joaquim José Vieira, jamais alguém vislumbrou, em tal pormenor, qualquer razão para pôr em dúvida a retidão de seus propósitos, ou seja, a lisura de seu caráter.

Por que sòmente em relação ao padre Cícero dois de seus cronistas, para quem, aliás, os prelados sobreditos possuem todos os predicados morais, pretende-se abrir tão odiosa exceção?

b) Outra conclusão se nos impõe. É que, em vista de os pais de Dom Quintino chamarem-se Antônio Rodrigues da Silva e Maria Francisca Batista, só enxergamos uma razão ponderável para êle adotar o sobrenome OLIVEIRA por êle mesmo incorporado ao próprio nome: testemunhar sua gratidão a seu padrinho de batismo e maior benfeitor, Cândido Moreira de Oliveira. Daí resultou ter êle passado à história com o nome de Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, em vez de Quintino Rodrigues Batista da Silva, como era de esperar.

Com tal proceder matou, duma só cajadada, dois coelhos: deu inequívoco testemunho de filial reconhecimento a quem tomara aos ombros os encargos de sua educação até o sacerdócio; e, como bom musicista que era, emprestou à sua assinatura uma sonoridade imprevista, que lhe dá uns como ares de nobreza de linhagem. Maior em extensão e sonoridade heráldica, só conheço, em todo o episcopado do Nordeste, o Sr. Bispo de Iguatu: *José Mauro Ramalho de Alarcon e Santiago*.